

RISK BEHAVIORS AND PCAS: LE BRETON'S SOCIOCULTURAL PERSPECTIVE

FERNANDA HELENA VAZ SIQUEIRA,
PITÁGORAS RODRIGUES SILVA,
HUMBERTO LUÍS DE DEUS INÁCIO;

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil
fernanda_zav@discente.ufg.br

Abstract

Contemporary society has witnessed profound transformations in how individuals, especially young people, relate to risk and seek experiences that provide existential intensity and meaning. This study offers a theoretical analysis connecting risk behaviors, as examined by French sociologist David Le Breton, and adventure bodily practices, which have gained recognition in the Brazilian field of Physical Education and were incorporated into the National Common Curricular Base. It is a qualitative theoretical research based on documentary analysis and bibliographic review. The methodology draws on Geertz's concept of "thick description," allowing for a deep understanding of the sociocultural meanings of bodily practices and challenging the naturalized view of the body. According to Lüdke and André, documentary analysis enables the exploration of new aspects of a given phenomenon. Works by Le Breton, particularly *Conducts of Risk: From Death Games to the Game of Living*, were examined and articulated with Brazilian literature on adventure bodily practices in school Physical Education. The analysis revealed conceptual convergences regarding the centrality of risk as a constitutive element of human experience and the pursuit of existential intensity. It concludes that adventure bodily practices represent a constructive channeling of existential motivations underlying youth risk behaviors, contributing to the development of an "Existential Physical Education" that values the symbolic and subjective dimensions of movement and promotes meaningful experiences in response to contemporary challenges.

Keywords: Physical Education, Ordeal rites, Corporeality, Youth, Pedagogy of Risk.

CONDUCTAS DE RIESGO Y SCP: LA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DE LE BRETON

Resumen

La sociedad contemporánea experimenta profundas transformaciones en las formas en que los individuos, especialmente los jóvenes, se relacionan con el riesgo y la búsqueda de experiencias que confieren intensidad y sentido a la existencia. Este estudio propone un análisis teórico de las conexiones entre las conductas de riesgo, según el sociólogo francés David Le Breton, y las prácticas corporales de aventura, reconocidas en el campo de la Educación Física brasileña e incorporadas a la Base Nacional Común Curricular. Se trata de una investigación cualitativa de naturaleza teórica, fundamentada en el análisis documental y la revisión bibliográfica. La metodología se apoya en la "descripción densa", propuesta por Geertz, posibilitando comprender los significados socioculturales de las prácticas corporales y contraponiéndose a la visión naturalizada del cuerpo. El análisis documental, conforme a

Lüdke y André, permite explorar aspectos nuevos del fenómeno estudiado. Se examinaron obras de Le Breton, sobre todo Conductas de riesgo: de los juegos de muerte al juego de vivir, articuladas con la literatura brasileña sobre prácticas corporales de aventura en la Educación Física escolar. El análisis reveló convergencias conceptuales en cuanto a la centralidad del riesgo como componente de la experiencia humana y la búsqueda de intensidad existencial. Se concluye que las prácticas corporales de aventura configuran una canalización constructiva de las motivaciones existenciales que sustentan las conductas de riesgo juveniles, contribuyendo al desarrollo de una "Educación Física existencial", que valore las dimensiones simbólicas y subjetivas del movimiento humano y promueva experiencias significativas ante los desafíos contemporáneos.

Palabras clave: Educación Física, Ritos ordálicos, Corporalidad, Juventud, Pedagogía del Riesgo.

COMPORTEMENTS À RISQUE ET PCAS : LA PERSPECTIVE SOCIOCULTURELLE DE LE BRETON

Abstrait

La société contemporaine connaît de profondes transformations dans les manières dont les individus, en particulier les jeunes, se rapportent au risque et à la recherche d'expériences qui donnent intensité et sens à l'existence. Cette étude propose une analyse théorique des liens entre les conduites à risque, selon le sociologue français David Le Breton, et les pratiques corporelles d'aventure, reconnues dans le domaine de l'Éducation Physique brésilienne et intégrées à la Base Nationale Commune Curriculaire. Il s'agit d'une recherche théorique qualitative, basée sur l'analyse documentaire et la revue bibliographique. La méthodologie s'appuie sur la « description dense », proposée par Geertz, permettant de comprendre les significations socioculturelles des pratiques corporelles et s'opposant à la vision naturalisée du corps. L'analyse documentaire, selon Lüdke et André, permet d'explorer de nouveaux aspects du phénomène étudié. Des œuvres de Le Breton ont été examinées, notamment Conduites à risque: des jeux de mort au jeu de vivre, articulées à la littérature brésilienne sur les pratiques corporelles d'aventure en Éducation Physique scolaire. L'analyse a révélé des convergences conceptuelles quant à la centralité du risque comme composante de l'expérience humaine et à la recherche d'intensité existentielle. Il est conclu que les pratiques corporelles d'aventure constituent une canalisation constructive des motivations existentielles qui sous-tendent les conduites à risque des jeunes, contribuant au développement d'une « Éducation Physique existentielle » qui valorise les dimensions symboliques et subjectives du mouvement humain et promeut des expériences significatives face aux défis contemporains.

Mots-clés: Éducation Physique, Rites ordaliques, Corporité, Jeunesse, Pédagogie du Risque.

CONDUTAS DE RISCO E PCAS: PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DE LE BRETON

Resumo

A sociedade contemporânea vivencia profundas transformações nas formas de relação dos indivíduos, especialmente os jovens, com o risco e a busca por experiências que conferem intensidade e sentido à existência. Este estudo propõe uma análise teórica das conexões entre as condutas de risco, segundo o sociólogo francês David Le Breton, e as práticas corporais de aventura, reconhecidas no campo da Educação Física brasileira e incorporadas à Base Nacional Comum Curricular. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza teórica,

fundamentada na análise documental e revisão bibliográfica. A metodologia apoia-se na “descrição densa”, proposta por Geertz, possibilitando compreender os significados socioculturais das práticas corporais e contrapondo-se à visão naturalizada do corpo. A análise documental, conforme Lüdke e André, permite explorar aspectos novos do fenômeno estudado. Foram examinadas obras de Le Breton, sobretudo *Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*, articuladas à literatura brasileira sobre práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. A análise revelou convergências conceituais quanto à centralidade do risco como componente da experiência humana e à busca por intensidade existencial. Conclui-se que as práticas corporais de aventura configuram uma canalização construtiva das motivações existenciais que sustentam as condutas de risco juvenis, contribuindo para o desenvolvimento de uma “Educação Física existencial”, que valorize as dimensões simbólicas e subjetivas do movimento humano e promova experiências significativas diante dos desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Educação Física, Ritos ordálicos, Corporeidade, Juventude, Pedagogia do Risco.

Introdução

David Le Breton, professor de Sociologia e Antropologia da Universidade de Estrasburgo, desenvolveu ao longo de sua carreira acadêmica uma perspectiva sociocultural inovadora para compreender os fenômenos relacionados ao corpo, ao risco e às práticas corporais na sociedade contemporânea. Sua abordagem distingue-se fundamentalmente das visões hegemônicas da promoção da saúde, que tendem a patologizar comportamentos de risco e a propor soluções baseadas exclusivamente em cálculos epidemiológicos e prescrições comportamentais (Veronese & Oliveira, 2010).

Para Le Breton, as condutas de risco devem ser compreendidas como manifestações de uma busca existencial por significado e intensidade em uma sociedade que, paradoxalmente, oferece segurança material, mas carece de sentidos profundos para a existência humana. Esta perspectiva teórica oferece um arcabouço conceitual valioso para repensar as práticas corporais de aventura não apenas como atividades físicas ou modalidades esportivas, mas como fenômenos socioculturais complexos que respondem a necessidades existenciais fundamentais dos indivíduos contemporâneos.

O conceito central desenvolvido por Le Breton para compreender as condutas de risco é o de “jogos simbólicos ou reais com a morte”, caracterizando-se como um arriscar-se que não tem como objetivo morrer, mas que contém em si a possibilidade de perder a vida ou sofrer alterações das capacidades físicas ou simbólicas do indivíduo (Le Breton, 2009, p. 15). Essas condutas atestam um enfrentamento com o mundo, cuja aposta fundamental não é morrer, mas viver intensamente. Esta definição revela uma dimensão existencial profunda que transcende a mera busca por adrenalina ou sensações fortes, apontando para uma necessidade humana fundamental de experimentar a própria finitude como forma de afirmar a vida. Le Breton estabelece uma distinção importante entre condutas de risco e atividades

físicas de risco, sendo que as primeiras envolvem uma dimensão existencial profunda, relacionada à busca de significado e à construção identitária, enquanto as segundas referem-se a práticas mais controladas onde o risco é simulado e gerenciado (Oliveira & Gomes, 2012). Esta distinção é fundamental para compreender as diferentes motivações e significados que subjazem às práticas que envolvem risco e oferece uma chave interpretativa valiosa para analisar as práticas corporais de aventura no contexto educacional.

No campo da Educação Física brasileira, as práticas corporais de aventura constituem um fenômeno relativamente recente que ganhou reconhecimento oficial com sua inclusão como unidade temática na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Essas práticas caracterizam-se por um conjunto de atividades que envolvem desafios, riscos controlados e contato direto com a natureza ou ambientes urbanos desafiadores. Segundo Inácio (2014), as práticas corporais de aventura podem ser definidas como atividades que objetivam comumente a aventura e o risco, realizadas em ambientes distantes dos convencionais, seja na natureza ou em espaços urbanos. Essas práticas apresentam uma vasta variedade de modalidades distintas, incluindo trekking, arborismo, skate, surfe, orientação, escalada, rapel, entre outras.

A Base Nacional Comum Curricular define as práticas corporais de aventura como atividades que "se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração de vertigem e risco controlado, como em corridas de orientação, corridas de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc." (Brasil, 2017, p. 218). Esta definição oficial enfatiza aspectos como incerteza, vertigem e risco controlado como elementos centrais dessas práticas, características que dialogam diretamente com os conceitos desenvolvidos por Le Breton. A proposta de classificação desenvolvida por Inácio (2023) para as práticas corporais de aventura baseia-se em seus elementos constituintes: deslocamento, sentido do deslocamento, formas de deslocamento, impulso motriz, risco e aventura. Esta classificação visa superar uma reprodução irrefletida dessas práticas nas aulas de Educação Física, projetando estratégias para que este conteúdo se circunscreva no campo das pedagogias progressistas.

A proposta reconhece que as práticas corporais de aventura não devem ser reproduzidas na escola nos mesmos moldes e lógica com que se desenvolvem nos âmbitos do lazer, do esporte e do turismo, sendo necessário considerar suas especificidades educativas e suas potencialidades para a formação integral dos estudantes (Inácio, 2023). Esta perspectiva crítica alinha-se com a abordagem de Le Breton, que critica as visões reducionistas que ignoram os significados socioculturais das práticas que envolvem risco.

As práticas corporais de aventura distinguem-se das demais modalidades esportivas devido a estarem relacionadas a um maior grau de risco e adrenalina (Corrêa, 2023). Outras características distintivas incluem o contato com ambientes desafiadores, seja na natureza

ou em espaços urbanos, a presença controlada de risco, diferentemente das condutas de risco patológicas, a busca por sensações intensas que proporcionem experiências de vertigem e intensidade emocional, e uma dimensão experiencial que enfatiza a experimentação corporal e a construção de significados pessoais. O objetivo deste estudo é propor uma análise teórica das conexões entre as condutas de risco, segundo o sociólogo francês David Le Breton, e as práticas corporais de aventura, reconhecidas no campo da Educação Física brasileira e incorporadas à Base Nacional Comum Curricular.

Métodos

A presente pesquisa caracteriza-se como um ensaio teórico de abordagem qualitativa, fundamentado em uma criteriosa análise documental e revisão bibliográfica. A natureza teórica do estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar o diálogo entre campos do conhecimento distintos a sociologia do corpo e do risco de David Le Breton e a pedagogia das práticas corporais de aventura no contexto da Educação Física brasileira a fim de construir novas pontes interpretativas.

O percurso metodológico foi guiado pela perspectiva da “descrição densa”, conceito cunhado pelo antropólogo Clifford Geertz e aqui transposto como inspiração para a análise teórica. A descrição densa, em sua origem, busca interpretar os múltiplos significados de um fenômeno cultural, indo além de sua aparência superficial (Silva, Veloso, & Rodrigues Jr, 2008). Neste estudo, tal inspiração se traduziu na busca por uma compreensão aprofundada das práticas corporais de aventura não como meras atividades físicas, mas como um texto cultural complexo, carregado de símbolos e significados existenciais. Essa abordagem opõe-se a uma visão naturalizada e puramente biológica do corpo em movimento, alinhando-se à crítica de Le Breton sobre a redutibilidade do corpo a um mero organismo.

A análise documental, conforme as diretrizes de Lüdke e André (1986), foi a ferramenta central para explorar o fenômeno sob novas perspectivas. O corpus de análise foi composto por duas frentes principais:

- 1.Obras de David Le Breton: Com foco especial em *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*, mas também incluindo outras obras pertinentes como *A sociologia do corpo* e *O sabor do mundo*. A análise buscou extrair e sistematizar conceitos-chave como “condutas de risco”, “ritos ordálicos contemporâneos”, “paixões de vertigem” e a crítica à sacralização da segurança na modernidade.

- 2.Produção acadêmica brasileira: Foram selecionados artigos, dissertações e documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), que abordam as práticas corporais de aventura no âmbito da Educação Física escolar. A seleção priorizou

trabalhos que discutissem a pedagogia, a classificação e os significados dessas práticas no contexto educacional.

O processo analítico ocorreu de forma dialética. Primeiramente, os conceitos de Le Breton foram estudados em profundidade. Em seguida, a literatura sobre as práticas corporais de aventura foi examinada para identificar suas características, potencialidades e desafios pedagógicos. Por fim, foi realizada a articulação crítica entre os dois corpos teóricos, buscando identificar convergências, divergências e, principalmente, a forma como a teoria de Le Breton poderia iluminar e ressignificar a compreensão e a abordagem pedagógica das práticas corporais de aventura, culminando na proposição de uma "Educação Física existencial".

Resultados

A análise comparativa entre a obra de David Le Breton e a literatura sobre práticas corporais de aventura revelou profundas convergências conceituais, centradas na noção do risco como um componente existencial da experiência humana. O principal resultado desta articulação teórica é a identificação de uma transformação qualitativa fundamental: as práticas corporais de aventura, quando pedagogicamente orientadas, funcionam como uma canalização construtiva das mesmas motivações que subjazem às condutas de risco juvenis.

Um dos achados centrais é a aplicabilidade do conceito de "ritos ordálicos contemporâneos" (Le Breton, 2009) para a compreensão do fenômeno. Le Breton interpreta as condutas de risco como uma forma de teste pessoal, um "juízo de Deus" secularizado, ao qual o jovem se submete para encontrar um sentido de valor e existência em uma sociedade que falha em fornecer ritos de passagem claros. A análise mostra que as práticas de aventura, como escalada, rapel ou corridas de orientação, podem ser estruturadas como ritos ordálicos ressignificados. Elas oferecem o desafio, o enfrentamento do medo e a superação, mas dentro de um quadro de risco controlado e com intencionalidade educativa, transformando uma busca potencialmente destrutiva em uma jornada de autoconhecimento e crescimento.

Outro resultado significativo é a distinção entre o risco disfuncional e o risco educativo. Enquanto as condutas de risco descritas por Le Breton frequentemente emergem de forma desordenada como resposta a um sentimento de vazio e insignificância as "paixões de vertigem", as práticas corporais de aventura no contexto escolar são intencionalmente organizadas para serem significativas. A pedagogia transforma o risco: de um perigo a ser evitado, ele passa a ser um elemento pedagógico a ser gerenciado. O corpo, nessa perspectiva, transcende sua dimensão biológica para se tornar, como aponta Le Breton (2006), uma construção sociocultural, um mediador da experiência e um "laboratório

existencial" onde os estudantes desenvolvem não apenas habilidades motoras, mas também competências socioemocionais e cognitivas.

A dimensão coletiva também se mostrou um ponto de divergência e ressignificação. Se, nas condutas de risco, o grupo pode diluir a responsabilidade e incentivar atos impensados (Le Breton, 2009), nas práticas de aventura orientadas, o grupo funciona como uma rede de segurança, confiança e cooperação, onde a responsabilidade é compartilhada de forma construtiva.

Discussão

Os resultados apresentados convidam a uma discussão sobre as implicações pedagógicas de se adotar a lente teórica de Le Breton para pensar as práticas corporais de aventura. A principal implicação é a proposição de uma "Educação Física existencial". Esta não se define como um novo método, mas como uma abordagem pedagógica que reconhece e trabalha intencionalmente com as dimensões simbólicas e existenciais da experiência corporal, em contraponto a uma visão puramente tecnicista ou biomédica.

Discutir uma "Educação Física existencial" implica, primeiramente, em criticar as abordagens reducionistas que, como aponta Inácio (2023), frequentemente reproduzem no ambiente escolar a lógica do esporte de rendimento ou do turismo de massa, ignorando o potencial educativo mais amplo dessas práticas. A crítica de Le Breton (2009) aos discursos hegemônicos da promoção da saúde, que patologizam o risco e o veem apenas como algo a ser eliminado, é aqui fundamental. Uma abordagem existencial, ao contrário, compreende que a busca por intensidade e confronto com o limite é uma necessidade humana, e que o papel da educação não é suprimi-la, mas educá-la.

Nesse sentido, a transformação do risco destrutivo em risco construtivo torna-se a principal contribuição da Educação Física para os jovens. O "laboratório existencial" proporcionado pelas práticas de aventura permite que os estudantes desenvolvam autonomia, capacidade de tomar decisões sob pressão, confiança e autoeficácia. A experiência sensorial rica e variada, destacada por Le Breton (2016) em sua antropologia dos sentidos, é outro ponto crucial: a vertigem, o contato com a natureza, a percepção do próprio corpo no espaço são elementos que contribuem para uma corporeidade mais integrada e consciente.

Uma pedagogia existencial das práticas corporais de aventura, portanto, deve valorizar a experiência subjetiva do aluno, criando espaços para a reflexão e o compartilhamento de significados. Ela deve ser interdisciplinar, articulando conhecimentos da Educação Física com a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia. O objetivo final transcende o desenvolvimento de habilidades motoras; busca-se promover experiências que ajudem na

construção da identidade e do sentido de existência, oferecendo aos jovens ferramentas simbólicas para lidar com os desafios da contemporaneidade.

O principal ponto forte deste estudo reside na sua abordagem teórica inovadora, que articula a sociologia de David Le Breton com o campo da Educação Física, oferecendo um novo referencial para a compreensão das práticas corporais de aventura. A principal limitação, por sua vez, é a natureza teórica da pesquisa, que não avança para a investigação empírica ou para a proposição de um modelo de intervenção pedagógica detalhado. A implementação de uma pedagogia existencial das práticas corporais de aventura requer pesquisas futuras que investiguem a formação de professores, as condições materiais das escolas e a resistência institucional.

Conclusão

Este ensaio teórico, ao articular a sociologia do corpo e do risco de David Le Breton com o campo da Educação Física, permite concluir que as práticas corporais de aventura, quando pedagogicamente orientadas, transcendem a mera atividade física para se tornarem uma potente ferramenta de formação humana. A principal conclusão é que tais práticas configuram uma canalização construtiva e educativa para as mesmas motivações existenciais que, em outros contextos, manifestam-se como condutas de risco disfuncionais entre os jovens.

A análise aprofundada revelou que a transformação de "ritos ordálicos" destrutivos em experiências educativas estruturadas é o mecanismo central pelo qual essa canalização ocorre. Ao oferecer um "laboratório existencial" de risco controlado, a Educação Física pode promover o desenvolvimento de autonomia, resiliência e autoconhecimento, contribuindo de forma decisiva para a formação integral dos estudantes. Emerge, assim, a proposição de uma "Educação Física existencial", uma abordagem que se afasta de visões tecnicistas para abraçar as dimensões simbólicas, subjetivas e sensoriais do movimento, tornando-se mais significativa e relevante para os desafios da contemporaneidade.

A perspectiva sociocultural de Le Breton mostrou-se um referencial indispensável para desnaturalizar o corpo e o risco, permitindo uma compreensão mais complexa e profunda dos fenômenos corporais e abrindo caminho para práticas pedagógicas que valorizem a de

partida. A efetivação de uma "Educação Física existencial" depende da superação de desafios concretos, como a necessidade de uma formação de professores mais ampla e Interdisciplinar, a adequação da infraestrutura escolar e a mudança de paradigmas institucionais que ainda veem o risco com desconfiança.

Portanto, esta investigação não apenas aponta para a fecundidade do diálogo entre a Sociologia e a Educação Física, mas também conclama à continuidade da pesquisa e da experimentação pedagógica. O caminho para uma educação que acolha as buscas de sentido dos jovens e os prepare para uma vida plena passa, indubitavelmente, por uma nova e mais corajosa compreensão do corpo, do risco e da aventura.

REFERÊNCIAS

Brasil. (2017). Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC.

Corrêa, E. A. (2008). Formação do profissional de Educação física no contexto das atividades físicas de aventura na natureza. (Dissertação de Mestrado). UNESP, Rio Claro, SP, Brasil.

Corrêa, E. A. (2023). Práticas corporais de aventura na educação física escolar. Ambiente: Gestão e Desenvolvimento, 16(1), 1-15.

Inácio, H. L. D. (2014). Práticas corporais de aventura na natureza. Motrivivência, 26(42), 168-187.

Inácio, H. L. D. (2023). Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 45, e002323.

Le Breton, D. (2006). A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes.

Le Breton, D. (2009). Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados.

Le Breton, D. (2016). O sabor do mundo: uma antropologia dos sentidos. São Paulo: Vozes.

Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.

Oliveira, S. C. de, & Gomes, C. F. (2012). Conduta de risco. Série Estudos UCDB, (33), 243-247.

Silva, C. L. da, Velozo, E. L., & Rodrigues Jr, J. C. (2008). Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. Educação em Revista, 24(48), 37-60.

Veronese, A. M., & Oliveira, D. L. C. de. (2010). Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver (resenha). Revista Gaúcha de Enfermagem, 31(3), 591-592.